Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Midiatização e Jornalismo: algumas hipóteses[1]
Mediatization and Journalism: some hypotheses

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Palavras-chave: Dispositivos Técnicos Comunicacionais; Sistemas; Acontecimento.

1 Introdução

Este artigo integra pesquisa em andamento sobre midiatização e jornalismo. Parte de estudos empíricos relatados em outros trabalhos e visa sistematizar uma reflexão teórica sobre como jornalismo participa dos processos de midiatização, considerando o próprio jornalismo como uma prática social midiatizada. Busca compreender as relações entre as práticas sociais e as práticas discursivas postas em circulação por sistemas sociais e sócio-individuais em dispositivos técnicos comunicacionais que configuram os processos midiáticos contemporâneos de produção da semiosis social. Apresenta a hipótese de que o conceito de acontecimento é central para o estudo da relação entre midiatização e jornalismo.

2 Midiatizações

A especificidade do jornalismo está na produção de discursos sobre acontecimentos singulares que irrompem no cotidiano das sociedades. Esses discursos combinam fatos de interesse público e sua hermenêutica circulando em dispositivos técnicos comunicacionais. Ao elaborar o discurso da notícia, o jornalismo traz ao conhecimento da sociedade a realidade dos acontecimentos que a afetam. Essa

[1] Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

mediação entre os acontecimentos e a sociedade, que o jornalismo opera discursivamente, é da ordem da midiatização, um termo amplo utilizado para descrever e definir, genericamente, o que Martino (2019, p. 3) classifica como a articulação entre a mídia e as práticas sociais. Essa articulação das práticas sociais com os dispositivos técnicos de comunicação jornalísticos, em que as práticas circulam como discursos, é centrada na singularidade dos acontecimentos (Genro Filho, 1987). Desta forma, o jornalismo participa da midiatização de forma peculiar, integrando um processo para o qual ele contribui à sua maneira.

A midiatização também tem suas especificidades. O seu estudo pode ser realizado a partir de diferentes perspectivas. Na visão institucionalista, o fenômeno da midiatização é abordado a partir dos efeitos da lógica da mídia sobre a sociedade (Hjarvard, 2008: 113). Para esta linha, a mídia tem maior autonomia e exerce influência sobre as demais instituições e a sociedade, de tal modo que elas precisam se adaptar aos processos e às normas midiáticas, tanto técnicas como estéticas. “A midiatização ocorre através da institucionalização de padrões de interação particulares (regras formais e informais) e alocação dos recursos interacionais no interior de uma instituição social ou esfera cultural em particular’ (Hjarvard, 2015, p. 54). As lógicas da mídia passam a estruturar as interações sociais e as instituições. Midiatização e jornalismo, nesta perspectiva, se enfrenta com as lógicas de produção jornalística, seja como apropriações pelas demais instituições, seja como transformações das estruturas do jornalismo pela concorrência das novas mídias.

A corrente construtivista trata dos processos pelos quais as mudanças da comunicação midiática se inter-relacionam com as transformações socioculturais. As práticas de comunicação cotidianas são alteradas e se relacionam à construção de uma realidade comunicativa mutante (Hepp, 2014). A midiatização é “o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica” (Hepp, 2014, p. 51). Essas mudanças são quantitativas e qualitativas. No primeiro caso,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

trata-se da expansão cada vez maior espaço-temporal e social de formas de comunicação midiática. As mudanças qualitativas se referem ao modo como cada mídia com sua especificidade opera o processo de mudança sociocultural. Portanto, cada tipo de mídia se relaciona com um tipo de comunicação. Aqui, midiatização e jornalismo estão relacionados aos processos de transformação sociocultural que afetam a produção, circulação e consumo de produtos jornalísticos, implicando os tipos de mídia e seus efeitos sobre a linguagem, a técnica e o habitus do jornalismo e os usos e apropriações pela sociedade.

A abordagem semioantropológica define a midiatização como um processo histórico assentado na capacidade humana de produzir semiosis, que se expressa na produção de fenômenos midiáticos, produtos da "exteriorización de procesos mentales bajo la forma de un dispositivo material dado" (Verón, 2015, p. 174). Por ser de longa duração, vai assumindo formas cada vez mais complexas e se caracteriza pelo efeito radial da operação em dispositivos técnicos comunicacionais, que se propaga de diferentes maneiras e intensidades por toda a sociedade. Tem caráter sistêmico, constituindo redes de relações por meio de processos não lineares. Produz a aceleração do tempo histórico, que implica mudanças na velocidade da circulação. Emissores e receptores têm autonomia, e os discursos persistem no tempo, além de implicar a descontextualização que "abre la puerta para las múltiples rupturas de espacio y tiempo producidas de una manera específica por cada dispositivo, a través de toda la história de la mediatización" (Verón, 2015, p. 179). É um modo específico de circulação de sentidos. Implica distintas operações de produção e reconhecimento, produz a dispersão e persistência no tempo e espaço dos signos materializados, estabelece formas específicas de aceso e não prescinde de dispositivos técnicos comunicacionais. Midiatização e jornalismo, na perspectiva semioantropológica. volta-se para os processos de produção e reconhecimento de sentidos operados por sistemas sociais e socioindividuais que ocorrem em dispositivos técnicos comunicacionais. O jornalismo

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

é, assim, uma forma específica de midiatização das práticas sociais e de relação com outros sistemas sociais e socioindividuais.

3 Processos de semiosis midiatizada

Sistemas sociais incluem todas as formas de organização coletiva institucionalizada. Sistemas sócio-individuais são os indivíduos ou atores individuais em sua singularidade. A interação entre estes sistemas é realizada por meio do que Verón (2013) passa a denominar de dispositivo sócio-institucional, uma tecnologia de comunicação articulada a modalidades de utilização, tanto em produção como em recepção. Com esta alteração, ele parece pretender incorporar no mesmo termo estas duas características, buscando resolver a ambiguidade do termo "meios". Mas mantém a ideia de que os dispositivos pertencem às estruturas midiáticas institucionalizadas e não aos sistemas socioindividuais, que remanescem apenas em reconhecimento (Carlón, 2020). Para corrigir esta limitação, adota-se aqui o termo "dispositivo técnico de comunicação" (DTC).

Os DTCs podem estar vinculados a quaisquer sistemas e a eles respondem. Contudo, também atuam como catalisadores, organizadores e dinamizadores das interações entre sistemas (sociais e socioindividuais) e dentro dos próprios sistemas. Os DTCs não têm autonomia. São o lugar da externalização dos processos semióticos de cada sistema. As interações entre sistemas em distintos dispositivos configuram coletivos de interpretantes produzindo a semiosis social na circulação. Ao explicitar esta dinâmica da midiatização, pode-se entender a participação do jornalismo neste processo e sua relação com as práticas sociais.

Considerando-se que os DTCs estão vinculados aos respectivos sistemas que os instituem e os põem em funcionamento, é nas interações entre sistemas, mediadas por estes DTCs, que se configuram os coletivos midiatizados. Conforme Carlón (2020), os sistemas são "donos" de suas próprias mídias. Os coletivos, então, se formam da

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

interação entre os sistemas sociais e os sistemas socioindividuais – jornal x leitores; 2. dos sistemas socioindividuais aos sistemas sociais – fontes x jornais; 3. dos sistemas sociais para outros sistemas sociais – jornal x jornal; partido político x jornal; e vice-versa; e 4. de sistemas socioindividuais para outros sistemas socioindividuais — indivíduo na rede social x outros indivíduos nesta rede. Há também a possibilidade de sistemas interagirem usando DTC de outro sistema, como as cartas dos leitores e os comentários em notícias ou em redes sociais.

Destaque-se também os processos pelos quais os dispositivos de um sistema se apropriam de dispositivos de outros sistemas (reprodução de vídeos amadores de celular num telejornal) e a formação de coletivos a partir das interações não mediatizadas entre sistemas sociais e sistemas socioindividuais. Além disso, pode-se observar os efeitos mútuos que se produzem entre as interações mediatizadas e não mediatizadas. Todas estas operações de produção e reconhecimento constituem um mercado discursivo, no qual os intérpretes são encontrados tanto em sistemas socioindividuais como em sistemas sociais. Portanto, os coletivos midiatizados são o produto de interações sistêmicas de produção-reconhecimento de sentidos em dispositivos técnicos comunicacionais.

Essa perspectiva incorpora a abordagem de Carlón (2020) quanto à condição dos atores individuais de estarem tanto em produção quanto em reconhecimento e situa nos dispositivos a região onde se pode observar não apenas como os sentidos transitam, mas, principalmente, como são tecidos (Fausto Neto, 2018). Acrescente-se a noção de que também as instituições dos sistemas sociais estão tanto em produção como em reconhecimento. Além disso, como Braga (2012. p. 36) observa, há uma pluralidade de apropriações do midiático pelos setores da prática social produzindo, em cada setor, distintas consequências. Isso significa que as lógicas de um ou outro tipo de meio já não prevalecem. Os circuitos que aí se produzem compõem diferentes articulações, das quais o massivo, o digital, o presencial e a escrita são componentes (Braga, 2012, p. 47). Também, como afirma Verón, “el desfase entre producción y reconocimiento es

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

constitutivo de la comunicación humana, y opera aun en el nivel no mediatizado de la comunicación interpersonal" (Verón, 2013, p. 292).

Assim, a diferença de escala estaria relacionada ao grau de institucionalização de cada dispositivo e no seu potencial para ampliar as formas de interação e amplificar o acesso às mensagens, acelerando ou retardando a circulação social de sentidos. Como assinala Carlón (2020, p. 82), "lo que caracteriza a la comunicación contemporánea son los cambios sistémicos que se producen a nivel mediático y comunicacional". Tais processos se dão de forma assimétrica entre práticas sociais (ações e reações do cotidiano afetado por acontecimentos) e práticas discursivas midiatizadas (produto de um trabalho de exteriorização de processos mentais sobre as práticas sociais), cuja materialidade expressa em textos produz, como efeitos, a aceleração do tempo, a descontextualização do espaço e a difusão radial de sentidos para a sociedade.

Nesse contexto, o jornalismo se constitui como sistema social peculiar. Para atender à necessidade informativa das sociedades complexas, o jornalismo "lê" os acontecimentos que as afetam e reporta o fato singular que aconteceu a quem, quando e onde. Esta leitura é sustentada sobre um conjunto de regras de noticiabilidade e condições de reconhecimento que as teorias do jornalismo buscam qualificar. Isso significa reconhecer que os distintos sistemas sociais jornalísticos podem realizar "leituras" diferentes. Um estudo da participação do jornalismo na midiatização deve considerar estes modos de leitura. De outro lado, como afirma Verón, toda leitura é também uma produção discursiva. Ao apreender a singularidade de um acontecimento, o jornalismo já elabora a narrativa que lhe dá sentido, produzindo o discurso pelo qual os acontecimentos se tornam objeto de reflexão em torno de suas causas e consequências, mas também como forma de iluminar o passado e projetar o seu devir, propondo ações. Os sistemas sociais jornalísticos põem em circulação distintas produções de sentido sobre um mesmo acontecimento singular que, ao circular em DTCs, constituem uma variedade de coletivos de interpretantes.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Neste sentido, na intersecção entre práticas sociais e práticas discursivas midiatizadas que envolvem o jornalismo, os acontecimentos constituem o ponto de referência indispensável, pois eles afetam a sociedade em sua dupla vida, como fato e como narrativa (Quéré, 2005). Acontecimento é tudo que irrompe no cotidiano ordinário da vida, alterando e afetando a rotina. Pode ser inesperado ou planejado. O decisivo é que ele produz uma diferença. É esta diferença que, sob certas condições, é "lida" pelo jornalismo como possibilidade de informação de interesse da sociedade. Essa perspectiva não restringe os acontecimentos às práticas sociais não midiatizadas, mas incorpora a ideia de que eles também podem irromper midiatizados em DTCs, provocados ou produzidos por quaisquer sistemas sociais ou socioindividuais.

Partindo deste hipótese, o estudo da midiatização e jornalismo que se propõe na sequência vai se debruçar sobre três aspectos: os processos de reconhecimento dos acontecimentos singulares pelo jornalismo; os processos de produção dos discursos da informação que articulam fato e narrativa; e os processos de circulação dos discursos jornalísticos em DTCs associado aos dois primeiros e que configuram o mercado discursivo contemporâneo, cuja disputa de sentidos tem efeitos sobre diferentes sistemas e sobre a sociedade toda. Esta é a proposição que aqui se coloca em discussão.

Referências

BRAGA, José Luiz. (2012). Circuitos versus campos sociais. In: Janotti Junior, J.; Mattos, M. A., Jacks, N. (Orgs.) **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA: Brasília: Compós.

CARLÓN, M. (2020). **Circulación del sentido y construcción de colectivos: en una sociedad hipermediatizada**. San Luis: Nueva Editorial Universitaria.

CARLÓN, M. (2020b). Tras los pasos de Verón... Un acercamiento a las nuevas condiciones de circulación del sentido en la era contemporánea. **Galaxia**, São Paulo, online, n. 43, p. 5-25.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

FAUSTO NETO, A. (2018) Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Sta Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40.

FERREIRA, J. (2002(3)). Dispositivos discursivos e o campo do jornalismo. **C-Legenda,** nº 9, pp. 1-11. 2022, mayo 18. Recuperado de https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36819/21394.

GENRO FILHO, A. (1987). **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê.

HJARVARD, Stig. Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**. JUL. /DEZ.2015 V. 2, N. 3 (2015) p. 51-62. Disponível em: https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331/339 Acesso em: 23 abr. 2025.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo". **MATRIZes**. V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014 São Paulo. p. 45-64

PONTES, F. S.. (2015). **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

VERÓN, E. (1993). **La semioses social**. Fragmentos de una teoria de la discursividad. Barcelona: Editoral Gedisa.

VERÓN, E. (1997) "Esquema para el análisis de la mediatización". En **Diálogos de la Comunicación, Nº48.** Lima: Felafacs, p. 9-17.

VERÓN, E. (2004). **Fragmentos de un tejido**. Barcelona: Editoral Gedisa.

VERÓN, E. (2015). Teoría de la mediatización: una perspectiva semio-antropológica. CIC **Cuadernos de Información y Comunicación** vol. 20 173-182AUTOR. Texto 1. Cidade: Editora, ano.